

FICHA TÉCNICA

Título original: *Half Wild*

Autora: *Sally Green*

Copyright © Half Bad Books Limited, 2015

Os direitos de Sally Green como autora desta obra estão certificados

Todos os direitos reservados

Edição original publicada em língua inglesa por Penguin Books Ltd., London

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Catarina Gândara*

Ilustração da capa baseada num design original de Tim Green, Faceout Studio

Ilustração de Triggerfish at Début Art

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, agosto, 2015

Depósito legal n.º 396 292/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE: VERMELHO	13
Um novo dia	15
À espera	20
Eu e a Annalise	28
Está a escurecer	34
Não fico à espera	38
Não estás morto, pois não?	43
O Nesbitt	49
O Kieran e o companheiro dele	54
Uma última olhadela	63
SEGUNDA PARTE: DONS	67
A Van Dal	69
O amuleto	78
Uma proposta	87
O fumo da noite	94
Chuva	99
Eslováquia	103
Tretas mágicas	107
Contar ao Gabriel	111
Usando a minha alma	119
A primeira estaca	125
A segunda estaca	128
A terceira estaca	130
TERCEIRA PARTE: EM VIAGEM	133
Imitar o Obama	135
Barcelona	139
A minha professora e tutora	143

A Isch	148
A Pilot	153
Em viagem	162
O mapa	167
O formato de uma palavra	174
QUARTA PARTE: OS DIÁRIOS DO ABRIGO SUBTERRÂNEO	179
Voltar a ser positivo	181
Nós fazemos o nosso próprio plano	187
O abrigo subterrâneo da Mercury	189
Nós	198
Cor-de-rosa	200
Beijos	201
A Annalise a respirar	204
A Annalise sem respirar	208
A ficar mais forte	212
A cavar	216
A <i>Fairborn</i> é minha	221
Cicatrizes	224
O enterro	228
Desenhando mapas	230
Não oferecendo resistência	233
A Dresden, o Wolfgang e o Marcus	237
A fenda	244
QUINTA PARTE: RIOS DE SANGUE	247
Die Rote Kürbisflasche	249
Amendoins	262
O Marcus	267
A Aliança	277
Rios de sangue	282
A organizadora	289
O primeiro ataque	294
A Blondine	300
Um passeio	307
Com o Arran	308
Riso	310
A reunião	317
O Connor	320
Abrandando o tempo	325
Vendo a Jessica	329
Vermelho.....	331
Agradecimentos	333
Sobre a autora	335



PRIMEIRA PARTE

VERMELHO

UM NOVO DIA

um cruza-bico canta

outro pássaro responde, mas não é um cruza-bico

o primeiro pássaro recomeça a cantar outra vez

e mais outra

o cruza-bico...

merda, é de manhã

estive a dormir

é de manhã, muito cedo

merda, merda, merda

preciso de acordar

preciso de acordar

não acredito que estive a dor...

chchchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchch
hhchchhhchchchcchchhcchcchchchhhchchchhhcchchch
chchhhchchchchchhhchchchchhhchhhchchchchccchchc
hchchhhchchchchhhchchchhhchchchchhhchchchhhchhchch
chchchchchchchhhchhhchchccchchchchhhchchchhhchc

MERDA!

o barulho está aqui. AQUI!

hchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchhh-
chchchhhchchchcchchhcchcchchchhhchchchhhcchchchc
hchchhhchchchchchhhchchchchhhchhhchchchchccchchc
hchchhhchchchchhhchchchhhchchchchhhchchchhhchhchch
chchchchchchchhhchhhchchccchchchchhhchchchhhchch

este nível de barulho significa que, oh, merda, há alguém com um telemóvel muito perto daqui. muito perto. não dá para acreditar que estive a dormir quando tenho os caçadores a perseguir-me. e ela. a rápida. ontem à noite esteve perto.

chchchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchhh
hchchchhhchchchcchchhcchcchchchhhchchchhhcchchchc

PENSA! PENSA!

chchchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchhh
hchchchhhchchchcchchhcchcchchchhhchchchhhcchchchc

é um telemóvel, de certeza que é um telemóvel. o barulho está dentro da minha cabeça, não está nos meus ouvidos, é na parte de cima, do lado direito, lá dentro, constante, como uma interferência elétrica, um zumbido puro, o zumbido de um telemóvel, alto, alto como se estivesse a três ou quatro metros de distância.

chchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchh
hchchhchchchchchhchchchchhhchhhchchchchccchhc

muito bem, certo, há montes de pessoas que têm telemóveis. se fosse um caçador, se fosse aquela caçadora, e ela conseguisse ver-me, eu já estaria morto.

eu não estou morto.

ela não consegue ver-me.

hchchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchh
hchchhchchchchchhchchchchhhchhhchchchchccchhc

o barulho não está a ficar mais alto. ela não está a aproximar-se. mas também não se está a afastar.

estarei escondido por alguma coisa?

estou deitado de lado, com a cara encostada ao chão. completamente imóvel. não consigo ver mais nada a não ser terra. tenho de me deslocar um bocado.

mas ainda não. pensa primeiro.

mantém-te calmo e resolve a situação.

hchchchhchchchchhchchchhhchchchchcchchchchchh-
chchchchhchhchchchchccchchchchccchhhhhchcchcchc

não há brisa nem sol, apenas uma luz ténue. é cedo. o sol ainda deve estar atrás da montanha. o chão está frio, mas seco, não há orvalho. sinto o cheiro da terra e dos pinheiros e... sinto um outro cheiro.

que cheiro é este?

e sinto um sabor.

um sabor mau.

sabe a... oh, não...

não penses nisso

não penses nisso

hchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchh

Podes procurar um ribeiro e lavar-te. Lavar tudo até que saia.

hchchhhchchchchchhhchchchchhhhhchchchchccchchc

Tens de te ir embora. Para tua própria segurança, tens de sair daqui. Tens de te pôr a caminho. Foge.

chchchchchchchhhchhhchchccchchchchhhchchchhhchh

O telemóvel está perto, mas o som não muda. Não irá aproximar-se mais.

Mas tens de espreitar. Tens de verificar.

Vira a cabeça para o outro lado.

Tu consegues.

Parece-se um pouco com um tronco. Que seja um tronco por favor que seja um tronco por favor que seja um tronco por favor que seja um

Não é um tronco... É preto e vermelho. Botas pretas. Calças pretas. Uma perna dobrada, outra esticada. Casaco preto. A cara dela está virada para o outro lado.

Tem cabelo curto e castanho-claro.

Está ensopado em sangue.

Está imóvel como um tronco.

Ainda molhada.

Ainda a sangrar.

Já não é rápida.

O telemóvel é dela.

hchchchchchhhchchchcchhhhhchchchhhchcchchchhh
chchchhhchchchcchchhcchcchchchhhchchchhhcchchchc
hchchhhchchchchchhhchchchchhhhhchchchchccchchc

E à medida que levantas a cabeça vêes a ferida que é a garganta dela, e é irregular e sangrenta e profunda e

vermelha

À ESPERA

Estou outra vez na Suíça, no cimo de um vale remoto — não é o mesmo onde se situa a cabana da Mercury, mas é lá perto, a cerca de meio dia de distância a pé.

Já estou aqui há algumas semanas e regressei ao vale da Mercury umas quantas vezes. Da primeira vez, refiz os meus passos, procurando o ribeiro onde perdi a *Fairborn*, a adaga mágica que roubei aos Caçadores. Que a Rose roubou. Encontrei o ribeiro sem grande dificuldade, e também não foi muito difícil encontrar sangue e algumas manchas amarelas no chão. Mas não a *Fairborn*. Subi e descí o ribeiro várias vezes, e andei a toda a volta daquela zona central manchada: espreitei para trás de arbustos, procurei debaixo de pedras. Aquilo estava a tornar-se ridículo — quer dizer... procurar debaixo de pedras! Depois de dois dias de buscas, tive de me obrigar a parar. Tinha começado a questionar-me se realmente alguma vez tivera mesmo a *Fairborn*; se um animal podia ter fugido com ela; se teria desaparecido por artes mágicas. Aquilo estava a dar-me cabo do juízo. Desde então, nunca mais lá voltei para a procurar.

Agora estou aqui à espera, neste outro vale, na caverna. Foi isso que combinámos, eu e o Gabriel, portanto é isso que eu vou fazer: esperar pelo Gabriel. Ele trouxe-me aqui um dia e escondeu a lata de cartas na caverna: são as cartas de amor escritas pelos pais dele, o seu único bem. Agora a lata está dentro da minha mochila. E eu estou aqui. E digo a mim próprio que, pelo menos, tínhamos um plano. O que era uma coisa positiva.

No entanto, não é um plano lá muito bom: «Se as coisas correrem mal, espera na caverna.»

E as coisas correram mal — mesmo muito mal.

Eu nunca pensei que iríamos precisar do plano. Nunca pensei que as coisas fossem correr tão mal sem que eu estivesse efetivamente morto. Mas estou vivo. Tenho dezassete anos, sou um bruxo de pleno direito que recebeu as três dádivas. Mas não tenho a certeza de quem mais está vivo. A Rose... a Rose está morta... disso tenho a certeza; foi atingida a tiro pelos Caçadores. A Annalise está presa num sono semelhante à morte, é prisioneira da Mercury, e sei que ela não deveria ficar muito tempo naquele estado, caso contrário a semelhança à morte tornar-se-á realmente em morte pura e simples. E o Gabriel está desaparecido, ainda, várias semanas depois de termos roubado a *Fairborn* — quatro semanas e quatro dias. Se estivesse vivo estaria aqui, e se os Caçadores apanharam o Gabriel irão torturá-lo e...

Mas isso é uma das coisas em que não me permito pensar. É uma das minhas regras enquanto espero: não pensar em coisas negativas; limitar-me às coisas positivas. O problema é que a única coisa que há para fazer é ficar aqui sentado, esperar e pensar. Por isso, todos os dias me obrigo a rever todos os meus pensamentos positivos e, de todas as vezes, digo a mim mesmo que quando tiver terminado de os rever o Gabriel irá regressar. E tenho de dizer a mim próprio que isso ainda é possível. Ele ainda pode conseguir safar-se. Só tenho de me manter positivo.

Muito bem, portanto, pensamentos positivos, mais uma vez...

Antes de mais nada, reparar nas coisas à minha volta. Há coisas positivas por todo o lado e eu reparo nas mesmas coisas positivas todos os malditos dias positivos:

As **árvores**. As árvores são coisas positivas. A maior parte é alta e relativamente direita e grossa, mas algumas caíram e estão cobertas de musgo. A maioria das árvores tem agulhas em vez de folhas e os verdes variam de quase preto até verde-lima, dependendo do sol e da idade das agulhas. Conheço tão bem as árvores deste sítio que consigo fechar os olhos e ver cada uma delas, mas tento não fechar os olhos muitas vezes — é mais fácil mantermo-nos positivos com os olhos abertos.

Depois das árvores, passo para o **céu**, que também é positivo, normalmente azul forte durante o dia e preto ténue à noite. Gosto do céu dessa cor. Às vezes há **nuvens** e, daquilo que consigo ver delas, são grandes e brancas, não costumam ser cinzentas, não trazem chuva. Deslocam-se sobretudo para oriente. Aqui não há vento: nunca chega ao chão da floresta.

O que vem a seguir? Ah, sim, pássaros. Os pássaros são positivos e garganeiros e barulhentos — estão sempre a cantar ou a comer. Alguns comem sementes e alguns comem insetos. Há corvos a voar bem alto por cima da floresta, mas não descem ou, pelo menos, não descem até ao meu nível. São pretos. De um preto brilhante. Como se tivessem sido recortados com uma tesoura de um pedaço de papel preto. Estou sempre à procura de uma águia, mas nunca vi nenhuma aqui, e interrogo-me sobre o meu pai e se ele realmente se disfarçou de águia e me seguiu e parece-me que já foi há tanto tempo...

Para!

Os pensamentos sobre o meu pai não pertencem a este sítio. Tenho de ter cuidado quando estou a pensar nele. Tenho de ser rígido comigo próprio. Caso contrário, é demasiado fácil tornar-me negativo.

Portanto... voltando às coisas que me rodeiam. Onde é que eu ia? Já pensei nas árvores, no céu, nas nuvens, nos pássaros. Ah, sim, temos silêncios... muitos silêncios. Silêncios enormes. Os silêncios durante a noite podiam encher o oceano Pacífico. Silêncios, que eu adoro. Aqui não há zumbidos, não há interferência elétrica. Nada. A minha cabeça está límpida. Acho que devia conseguir ouvir o rio que corre no fundo do vale, mas não consigo; as árvores bloqueiam o som.

Portanto, agora que já tratei dos silêncios, há também os **movimentos**. Coisas que se mexeram até agora: pequenos veados, já vi alguns; são sossegados e castanhos e parecem delicados e um bocado nervosos. E também há coelhos, que são cinzento-acastanhados e silenciosos. E depois há ratazanas, também cinzento-acastanhadas, e marmotas, que são cinzentas e sossegadas. Depois também há aranhas, pretas e silenciosas; moscas, pretas e silenciosas até se aproximarem e depois incrivelmente barulhentas, é hilariante; uma borboleta perdida, azul-clara, silenciosa; pinhas que caem, castanhas, não são silenciosas mas formam uma palavra simpática quando aterram no chão da floresta — «*tup*»; agulhas de pinheiro que caem, castanhas e tão barulhentas como a neve.

Pronto, isto é positivo: borboletas e árvores e coisas.

Também reparo em mim. Tenho calçadas as minhas **botas** velhas. Têm a sola grossa e são flexíveis, por estarem tão gastas. O cabedal castanho está arranhado e a água entra na bota direita pela costura rasgada. As minhas **calças de ganga** são largueironas, confortáveis, muito velhas e gastas, têm um rasgão no joelho esquerdo e as bainhas esfarrapadas, em tempos foram azuis, mas agora são cinzentas,

manchadas de terra, com algumas nódoas verdes por causa de trepar às árvores. O **cinto**: de cabedal preto e grosso, com a fivela de latão. É um bom cinto. A *T-shirt*: em tempos foi branca, agora está cinzenta, tem um buraco do lado direito e pequenos buraquinhos nas mangas, como se tivesse sido mordiscada por **pulgas**. Mas eu não tenho pulgas, acho que não tenho. Não tenho comichão. Estou um bocado **sujo**. Mas há dias em que me lavo, e faço-o sempre quando acordo com sangue no corpo. As minhas roupas não estão manchadas de sangue, o que é digno de nota. Acordo sempre nu se tiver...

Volta a pensar na roupa!

Onde é que eu ia? Acho que era na *T-shirt*. E, por cima da *T-shirt*, tenho uma **camisa**, que é quente e grossa, de lã, com o padrão aos quadrados ainda visível, em tons de verde, castanho e preto. Ainda lhe restam três botões pretos. Tem um **buraco** do lado direito. Um **rasgão** na manga esquerda. Não tenho **cuecas** nem **meias**. Em tempos, tive meias, mas não sei o que lhes aconteceu. E tive **luvas**. O **cachecol** está dentro da **mochila**, acho eu. Há que tempos que não olho lá para dentro. Devia fazer isso. Sempre é qualquer coisa para fazer. Acho que as minhas luvas também lá estão, talvez.

Então e agora?

Ainda não escureceu. Posso continuar a pensar mais em mim mesmo.

As minhas **mãos** estão uma desgraça. Uma verdadeira desgraça. Estão queimadas do sol, com rugas, ásperas; as **cicatrizes** no meu pulso direito são horríveis, parecem pele derretida; tenho as **unhas** pretas e roídas até ao sabugo e, além disso, também tenho as **tatuagens**. Três tatuagens no dedo mindinho da mão direita e uma **tatuagem** grande nas costas da mão esquerda. **0,5 N**. Uma tatuagem de Código Misto. Só para que toda a gente saiba aquilo que eu sou: metade Bruxo Negro. E caso as pessoas não reparem nestas tatuagens, também tenho uma no tornozelo e outra nas minhas costas (pessoalmente, é a minha **preferida** — estou a gozar!).

Mas isto são mais do que tatuagens, assemelham-se mais a marcas: e também são uma espécie de magia. Se os Caçadores me apanharem, se o Sr. Wallend me apanhar, irão cortar-me o dedo mindinho e colocá-lo dentro de uma garrafa de bruxo e eu ficarei sob o poder deles. Podem usá-lo para me torturar ou para me matar a qualquer altura, para isso só têm de queimar a garrafa. Isso é o que eu acho que eles farão. As tatuagens são a forma de eles terem controlo sobre mim. Iriam usá-las para tentarem obrigar-me a matar o meu pai.

Só que eu nunca irei matar o meu pai. Não conseguiria, mesmo que quisesse, porque o meu pai continua a ser o Bruxo Negro mais poderoso de que alguma vez ouvi falar e, comparado com ele, eu não sou nada. Quer dizer, sou bom a lutar e sou bom a correr, mas isso nunca será suficiente contra o Marcus.

Merda! Estou outra vez a pensar nele.

Devia voltar a pensar outra vez no meu corpo.

Às vezes o meu corpo faz coisas estranhas. Transforma-se. Tenho de pensar mais sobre isso. Tenho de tentar perceber como é que se transforma, porque é que se transforma e em que diabo se transforma.

Nem sequer me lembro, mas sei que acontece porque acordo nu e com um bocadinho menos de fome. Mas às vezes fico maldisposto, vomito a refeição da noite e depois vomito uma e outra vez. Não sei se isso acontece porque o meu corpo não consegue assimilar aquilo que eu comi. Como sobretudo animais pequenos, apesar de não me lembrar de os ter apanhado. Mas sei que é isso que acontece porque há pequenos ossos e pedaços de pele com pelo agarrado e sangue misturados no meu vomitado. Uma vez encontrei uma cauda. A cauda de uma ratazana, acho eu. Sei que me transformo num animal qualquer. É a única explicação. Tenho o mesmo Dom que o meu pai. Mas não me lembro de nada: não me lembro de me transformar, não me lembro de ser um animal, não me lembro de voltar a transformar-me em mim. Nada, até acordar depois de tudo ter acontecido. Acabo sempre por adormecer a seguir, por isso acho que devo ficar exausto com a transformação.

Ontem à noite apanhei um veado pequeno. Acordei ao lado do seu corpo meio comido. E não o vomitei. Acho que o meu estômago está a começar a habituar-se a isto. Já tive fome, já estive esfomeado, mas agora não. Portanto, acho que isto apenas prova que conseguimos habituar-nos a tudo, mesmo a carne crua. Mesmo assim, matava para ter uma refeição decente. Um hambúrguer, batatas fritas, guisado, puré de batata, rosbife e chouriço de sangue. Coisas humanas. Uma tarte. Leite-creme!

Cuidado!

É melhor não pensar naquilo que não posso ter: é o caminho direto para o descalabro. Tenho de ter cuidado com os meus pensamentos. Não posso deixar-me atrair pelas coisas negativas. E hoje tenho-me saído bem no que toca a manter-me positivo, por isso posso oferecer uma recompensa a mim mesmo e pensar noutras pessoas, até no **meu pai**, mas tenho de ter ainda mais cuidado com os pensamentos sobre ele.

Conheci-o. Conheci o Marcus. Ele não me matou — coisa que nunca pensei que fizesse —, mas, tendo em conta a reputação dele, a coisa podia ter dado para os dois lados.

Passsei a maior parte da minha infância a acreditar que o Marcus não gostava de mim, mas afinal ele passou o tempo todo a pensar em mim, tal como eu pensava nele. E ele sempre planeou ajudar-me. Veio à minha procura. Depois parou o tempo para mim, coisa que não me parece simples de fazer, mesmo para ele. E realizou a minha cerimónia da Dádiva: deixou-me beber o sangue dele e deu-me três dons. E o anel de ouro que ele me deu, o anel dele, está no meu dedo, e eu rodo-o e levo-o aos lábios e sinto o seu peso e o sabor a metal. A bala que o meu pai me retirou do corpo, a bala mágica de Caçador, está no meu bolso. Às vezes também lhe toco, apesar de nem sequer ter a certeza se gosto de a ter comigo, porque é uma coisa de Caçador. E o terceiro dom que ele me deu, a minha vida, ainda está comigo. Ainda não sei se isso conta realmente, uma vez que nunca antes ouvi falar de uma dádiva que não fosse uma coisa física, mas ele é o Marcus e eu acho que ele sabe o que está a fazer.

Estou vivo por causa do meu pai. Tenho o meu Dom por causa do meu pai, e esse Dom é igual ao dele. A maioria dos bruxos têm dificuldade em encontrar o Dom deles, talvez demorem um ano ou mais até perceberem o que é, mas eu nem sequer tive de procurar o meu. Foi o Dom que me encontrou. E não sei se isso é bom. O melhor é pensar noutra coisa qualquer...

A **minha família** é uma coisa positiva em que posso pensar. Não é frequente entrar em terreno negativo quando estou a pensar na minha família. Continuo a ter saudades do Arran, mas já não são tantas como quando estive prisioneiro da Celia. Naquelas primeiras semanas dentro da jaula tive imensas saudades do meu irmão. Mas isso foi há anos... há dois anos, acho eu. O Conselho levou-me mesmo antes do meu décimo quinto aniversário, mesmo antes da cerimónia da Dádiva do Arran. Sim, já passaram mais de dois anos desde essa altura, mas eu sei que ele está bem e a Deborah também. A Ellen, a minha amiga de Sangue Misto, contactou o Arran e mostrou-lhe uma fotografia minha, e eu vi um vídeo dele e ouvi a mensagem que ele deixou para mim. Mas sei que eles estão melhor sem mim. Nunca mais posso voltar a vê-los, mas não faz mal porque eles sabem que eu estou vivo, que escapei e que sou livre. Ser positivo é aquilo que eu faço e isso é uma coisa positiva porque, quanto mais tempo eu passo afastado delas, melhor isso é para as pessoas de quem eu gosto.

Às vezes sento-me à entrada da caverna, ou então deito-me e fico ali a dormir um bocadinho, mas não ando a dormir muito bem e normalmente sinto-me mais confortável à espera aqui em cima, na minha árvore, de onde tenho uma boa vista. Aqui, a vertente da montanha é muito íngreme, ninguém virá aqui só porque lhe apetece dar um passeio. Mas nunca se sabe. E os Caçadores são bons no que toca a caçar. Esforço-me por não pensar demasiado nos Caçadores, apesar de não ser sensato fingir que eles não existem. Por isso, seja como for, fico sentado na minha árvore e quando já está escuro, como agora, permito a mim mesmo lembrar os dias de antigamente, antes de eu ser levado pelo Conselho, antes da Celia, antes de eles me manterem fechado na jaula.

A minha recordação preferida é de mim e do Arran a brincar no bosque perto de casa da Avozinha. Eu estava escondido em cima de uma árvore quando o Arran finalmente me descobriu e trepou por ela acima para se juntar a mim, mas eu fui-me afastando cada vez mais, trepando por um ramo muito fino. Ele implorou-me que parasse, por isso eu voltei para trás e fui sentar-me ao lado dele, mais ou menos como estou agora, encostado a ele, os dois com as pernas penduradas de cada um dos lados do ramo. E dava quase tudo para voltar a estar assim sentado junto dele outra vez, para sentir o calor do corpo dele a apoiar o meu. Para perceber que ele está a sorrir pelo movimento do peito dele, para sentir a respiração dele, o braço dele à minha volta.

Mas é melhor não pensar muito assim. É melhor não pensar naquilo que não posso ter.

E também me lembro da Avozinha, com as suas abelhas, as suas botas e as suas galinhas, e o chão enlameado da cozinha. A última vez que eu vi a Avozinha foi quando eles me levaram embora. Eu estava no edifício do Conselho e foi-me dito que a Celia iria ser a minha «tutora e professora». Foi a primeira vez que vi a Celia, a primeira vez que ouvi o som dela, aquele Dom dela que tinha a capacidade de me atordoar. Parece que passou uma vida inteira desde então. A Celia fez-me cair com o ruído dela e eles levaram-me embora e tive um último vislumbre da Avozinha, com um aspeto envelhecido e assustado, parada sozinha no meio da sala onde as minhas Avaliações tinham sido feitas. Agora, ao recordar, creio que a Avozinha sabia que nunca mais voltaria a ver-me. A Celia disse-me que ela tinha morrido, e eu sei que eles levaram a Avozinha ao suicídio, tal como fizeram com a minha mãe.

Agora sei que...

O que é aquilo?

O som de passos! À noite!

Sinto a adrenalina a disparar.

Controla-te! Escuta!

Passos leves. Suficientemente leves para serem de um Caçador.

Viro lentamente a cabeça. Não vejo nada. A cobertura das nuvens é espessa e o luar não consegue penetrar até onde eu estou, aqui na floresta.

Mais passos. Mais adrenalina.

Merda! Isto é mais do que adrenalina — é o animal que há em mim.

E depois vejo-o. Um pequeno veado. Nervoso.

E a adrenalina animal está pronta a explodir, com o animal que há em mim a querer assumir o controlo.

Calma! Calma! Respira devagar. Conta as inspirações.

Um, inspira lentamente e expira lentamente.

Dois, inspira lentamente — e sustém a respiração — e expira lentamente.

Três, inspira lentamente — e consigo senti-la no sangue, como se lhe pegasse fogo — e expira lentamente.

Quatro, inspira lentamente e é o animal que há em mim, seja lá ele o que for, que me faz transformar.

O veado afasta-se e perde-se rapidamente por entre a escuridão. E aqui estou eu, humano, e o veado não está morto. Consigo controlar o meu Dom. Ou, pelo menos, pará-lo. E, se consigo pará-lo, se calhar também consigo iniciá-lo.

Estou a sorrir de orelha a orelha. Pela primeira vez em semanas, sinto-me verdadeiramente positivo em relação a alguma coisa.

Hoje portei-me bem, mantive-me fiel às listas, não me afastei demasiado para o lado negativo. Posso dar uma recompensa a mim mesmo com alguns pensamentos agradáveis, coisas que reservo para ocasiões especiais. Os meus preferidos são os pensamentos sobre a Annalise. E isto é aquilo que recordo...

EU E A ANNALISE

Estamos os dois sentados no talude de arenito, com os pés a baloiçar por cima do rebordo. A Annalise tem quinze anos; eu ainda só tenho catorze. A minha perna está próxima da dela, mas não lhe toca. Estamos no fim do outono. Ao longo dos últimos dois meses, encontramos-nos aqui uma vez por semana. Desde que começámos a encontrar-nos, ainda só nos tínhamos tocado uma vez, da segunda vez que estávamos aqui. Eu segurei-lhe a mão e beijei-lha. Ainda não consigo acreditar que fiz aquilo. Acho que me deixei levar pelo entusiasmo. Agora estou constantemente a pensar nisso — e olhem que é mesmo sempre o tempo *todo* —, mas não consigo voltar a fazê-lo outra vez. A Annalise e eu conversamos e trepamos e corremos por aqui, mas mesmo quando corremos um atrás do outro eu nunca consigo apanhá-la. Aproximo-me e depois não consigo fazê-lo. E também nunca deixo que ela me apanhe.

Ela está a baloiçar as pernas. A saia cinzenta do uniforme da escola está limpa e passada a ferro e composta. A pele das pernas dela é suave e ligeiramente bronzada e os pelos das pernas, por cima dos joelhos, são finos e loiros. E a minha perna está a milímetros da dela, mas sei que não consigo forçá-la a aproximar-se mais. Obrigo-me a virar a cabeça e a olhar para outra coisa qualquer.

O penhasco é íngreme e a queda é grande, mas não é nada que não se consiga fazer porque caímos em terreno arenoso. Está um dia ventoso, mas aqui o vento não chega até nós. Os topos das árvores estão a abanar e a restolhar, quase como se estivessem a falar uns com os outros, a trocar mexericos, e as folhas caem em pequenos amontoados. Um deles desce em direção a nós e, mesmo antes de ela se mexer, eu

sei que a Annalise vai tentar apanhar uma folha. Ela estica a mão, depois o braço e depois o corpo por sobre o rebordo do penhasco. Está demasiado esticada, mas se cair não se irá magoar, embora talvez eu devesse agarrá-la, segurá-la. Mas não me mexo. Ela dá uma gargalhada e estica-se ainda mais, apanha a folha e, ao mesmo tempo, agarra-se à minha manga, segurando um pedaço de tecido na mão, e mesmo assim eu não lhe toco. Puxo o braço para trás, para ela ficar em segurança, mas não lhe toco.

Ela apanhou a folha. É um pequeno triângulo castanho de uma bétula. Segura-a pelo caule e fá-la rodopiar em frente da minha cara.

— Apanhei-a. Mas não foi graças a ti! Quase caí.

— Eu sabia que tu ficavas bem.

— Sabias? — Ela bate ao de leve com a folha no meu nariz, com os dedos perto dos meus lábios. Eu afasto novamente a cabeça de perto dela.

— É para ti. Toma, agarra.

— É só uma folha. Há um monte delas aqui à volta — digo.

— Estica a mão. Isto é uma folha especial. É uma folha que eu apanhei, correndo um grande risco pessoal, só para ti.

— Nesse caso, é uma folha muito especial — digo, esticando a mão.

Ela deixa cair a folha na palma da minha mão.

— Nunca dizes obrigado, pois não?

Não sei. Nunca pensei no assunto.

— E nunca me tocas.

Encolho os ombros. Não posso dizer-lhe que penso em cada milímetro que há entre nós. Limito-me a dizer: — Vou guardar a folha. — E depois dou um empurrão ao corpo e salto de cima do penhasco, deixando-me cair no chão lá em baixo.

Estou no fundo do penhasco e agora não sei o que hei de fazer. Tinha esperança de que ela saltasse cá para baixo comigo. Olho para cima, para ela, e digo: — Podemos conversar sobre outra coisa qualquer?

— Se voltares cá para cima e me pedires com delicadeza.

Eu volto a trepar para o cimo do penhasco, o mais depressa que consigo, a exhibir-me, mas paro ao chegar perto do topo. Ela desviou-se para o lado, para o sítio onde eu normalmente trepo lá para cima. Está a bloquear-me o caminho. Há um outro sítio para trepar, um pouco mais para a esquerda e mais difícil, mas desço um pouco e depois volto a subir por aí, mas ela também se mexeu e agora está lá sentada.

— Olá — diz ela, inclinando-se para a frente e lançando-me um sorriso.

A única forma de conseguir subir para o parapeito é trepando por cima da Annalise. — Dás-me licença? — digo. — Podes deixar-me passar?

Ela abana negativamente a cabeça.

— E se eu disser «por favor»?

Ela torna a abanar negativamente a cabeça e esboça um sorriso de orelha a orelha. — Para um Código Misto bera, não és lá muito bera.

— Por favor, Annalise. — Não estou seguro: já estou a ficar com câibras nos dedos e estão a começar a escorregar na pedra. Não vou conseguir aguentar-me aqui durante muito mais tempo.

— Não consigo perceber como é que foste expulso da escola. Pareces ser um rapaz tão tímido — diz ela num tom de voz a imitar o de uma professora.

— Não sou tímido.

Ela inclina-se para mim com um sorriso gozão. — Prova-o.

Ou salto lá para baixo ou trepo por cima dela, e tenho de fazer uma das duas coisas rapidamente porque a minha perna direita está a começar a tremer por causa do esforço. Acho que consigo passar por cima dela se puser a mão do lado direito da perna dela, mas tenho de arranjar maneira de passar por cima do colo dela e...

— Mal posso esperar para contar aos meus irmãos que tu és uma criaturinha medrosa — provoca-me ela. Eu olho para cima, para a cara dela, e apesar de saber que ela está a gozar, o simples facto de a imaginar a falar com os irmãos sobre seja o que for faz-me ficar zangado. Vejo o sorriso dela desaparecer num ápice. Largo a rocha, dou uma reviravolta no ar e deixo-me cair no chão. Estou todo a tremer quando me levanto e a oiço dizer: — Nathan! Desculpa! Não devia ter...

— E ela deixa-se cair no chão, aterrando ao meu lado, tão leve e graciosa como sempre. — Não devia ter dito aquilo. Foi uma estupidez.

— Se eles alguma vez descobrirem que nós nos encontramos... Se...

— Sabes perfeitamente que nunca lhes direi nada. Foi uma piada estúpida.

Apercebo-me de que estou a exagerar e a estragar o dia, por isso bato com os pés na areia, arrastando as botas, e digo: — Eu sei. — E sorrio para ela e quero voltar a divertir-me. — Mas não contes a ninguém que eu sou um fracalhote, está bem? E eu não lhes conto que tu és verdadeiramente bera.

— Eu! Bera? — Ela está outra vez a sorrir e também bate com os pés no chão. Depois desenha uma linha comprida na areia e diz: — Numa escala que vai de bera a começar aqui — e espeta o calcanhar numa das extremidades da linha — até simpática, bem-educada e tímida aqui — e vai até à outra ponta da linha, pousa o calcanhar no chão e olha para mim —, onde é que eu me situo?

Eu murmuro para mim mesmo: — Annalise, Annalise, Annalise — e começo a andar para cima e para baixo ao longo da linha. Paro a cerca de três quartos de distância da ponta que marca a timidez e depois aproximo-me um bocadinho mais da outra ponta, e vou-me aproximando cada vez mais até estar quase ao pé da ponta que marca o bera.

— Ah! — exclama ela.

— És demasiado bera para mim.

Ela rosna-me. — Bem, a maior parte dos meus amigos da escola diria que eu estou aqui. — E salta para um ponto próximo do lado da timidez.

— Os teus amigos da escola são todos fulvos — digo.

— Mas, mesmo assim, continuam a ser capazes de distinguir uma rapariga simpática quando a veem.

— E onde é que eles me posicionariam a mim?

Desvio-me do caminho, enquanto a Annalise vai avançando ao longo da linha, quase até ao sítio onde eu tinha estado parado, perto do fim da ponta do bera.

— E os teus irmãos? Onde é que eles me poriam?

Ela hesita, mas depois continua a avançar para além da ponta do bera até chegar junto da base do penhasco. E depois diz: — Os miúdos fulvos da escola têm medo de ti porque tu bates nas pessoas. Tu tinhas má reputação por seres rebelde, mas eles viam-te nas aulas na maior parte dos dias, tranquilamente sentado, por isso sabiam que, se te deixassem em paz, tu também os deixavas em paz a eles.

— Mas os teus irmãos não conseguiram perceber essa parte. A parte do deixar-me em paz, é o que estou a querer dizer.

— Não. Mas eles também tinham medo de ti.

— Eles espancaram-me! Deixaram-me desmaiado.

— Tu bateste-lhes primeiro! Mas é mais do que isso. — Ela hesita e depois diz: — É quem tu és. Ou quem o teu pai é. Tudo se resume ao Marcus. Eles têm medo dele. Toda a gente tem medo dele.

Ela tem razão, claro, mas não é como se ele fosse aparecer subitamente e apoiar-me numa luta.

E depois ela pergunta-me: — Tu tens medo dele?

Não tenho a certeza: ele é meu pai. É perigoso e é um assassino, mas continua a ser o meu pai. E eu quero conhecê-lo. E não iria querer isso se tivesse medo dele. Então, digo: — Confio em ti mais do que em qualquer outra pessoa, Annalise, mas se o Conselho alguma vez me ouvir falar sobre ele, ou sobre os sentimentos que tenho por ele, ou sobre o que quer que seja... Simplesmente não posso falar sobre ele. Tu sabes isso.

— Desculpa, não devia ter perguntado.

— Mas posso dizer-te de quem é que tenho mesmo medo: do Conselho. E dos teus irmãos. Se... — Mas não continuo. Ambos sabemos que, se eles descobrirem que andamos a encontrar-nos, ficaremos os dois metidos num grande sarilho.

A Annalise diz: — Eu sei. Tenho a família mais disfuncional e pior de todos os tempos.

— Acho que a minha é ligeiramente mais disfuncional do que a tua.

— Não muito mais. Pelo menos, tu tens o Arran e a Deborah. Tens pessoas simpáticas. Eu não tenho pessoas simpáticas. Quer dizer, o Connor até se safava, quando não está com o Liam ou...

— *Tu és* uma pessoa simpática — digo.

Ela sorri, mas nesse momento apercebo-me de que está com um ar muito triste e solitário e percebo a sorte que tenho por ter o Arran, a Deborah e a Avozinha. E, sem sequer pensar, pego na mão dela e levanto-a, com a palma dela encostada à minha. Estou a tocar-lhe! Quase fico surpreendido, mas está a acontecer e não quero pensar demasiado no assunto. As nossas mãos têm um tamanho parecido: a minha é mais larga, e os dedos dela são mais compridos e mais finos. A pele dela é suave e limpa — não é cor de sujidade.

— Como é que consegues ter sempre as mãos tão limpas? — Torno a virar a mão dela e inspeciono-a a fundo. — Eu estou todo coberto de pó vermelho, mas tu e as tuas mãos não têm sequer uma mancha que seja.

— Sou rapariga. Somos muito conhecidas por sermos capazes de fazer coisas espantosas, coisas com que os rapazes apenas podem sonhar. — A voz dela está trémula e a mão mal toca na minha.

Agora sinto-me assustado, mas não vou parar. Passo o dedo pela parte de fora da mão dela, enquanto ela a mantém no ar. Por cima do polegar, depois desço entre o polegar e o indicador e subo pelo indicador e pelo dedo seguinte, e subo e desço, e subo e desço, e finalmente desço pelo dedo mindinho até chegar ao pulso dela.

Ela diz: — Surpreendes-me sempre por seres tão carinhoso. Estás tão longe da ponta da linha do bera.

Quero dizer-lhe alguma coisa em resposta, mas não me ocorre nada que soe bem.

— Voltaste a ficar calado — diz ela.

— Qual é o problema de estar calado?

— Nenhum, acho eu. Condiz contigo. — Depois estica o dedo e contorna a minha mão, tal como eu fiz com a dela. — Mas às vezes isso faz com que eu fique intrigada e a querer saber em que estarás a pensar. — Continua a passar o dedo em volta da minha mão. — Em que é que estás a pensar?

Estou a pensar que gosto que ela faça aquilo. Sabe bem. É isso que devo dizer? Não sei. Digo: — Eu... tu és...

Ela baixa a cabeça para olhar para mim. — Estás a tentar esconder a cara — queixa-se ela. — Estás a corar?

— Não!

Ela leva o dedo à ponta do meu queixo e vira a minha cabeça para ela.

Sinto-me um pouco quente, mas não diria que estou corado.

Ela diz: — És tão amoroso.

Amoroso!

Eu digo: — Acho que sou bastante bera.

Ela dá uma gargalhadinha e levanta-se. — És amoroso e és lento. Aposto que nunca me apanharás!

E corre por ali fora e eu desato a correr atrás dela e nesse dia, pela primeira vez, apanho-a.

ESTÁ A ESCURECER

Já deve passar da meia-noite. E assim se passou mais um dia. Mais um dia a pensar em coisas positivas. Mais um dia a pensar na Annalise mas sem chegar mais perto de a ajudar. Mais um dia de ficar sentado numa árvore, à espera do Gabriel, e ele sem aparecer. Devia tentar dormir, mas não estou cansado. É raro sentir-me cansado à noite. Em vez disso, parece que fico um bocado mais vivo, apesar de saber que também fico um bocadinho mais sombrio.

Podia fazer algumas listas ou voltar a rever coisas que a Celia me ensinou: como matar com uma faca; como matar com as minhas mãos. Não há dúvida de que é uma alegria. Ou talvez pensar em factos. A minha árvore genealógica é uma boa opção. Basta limitar-me a recitar os nomes uma e outra vez: Harrow, Titus, Gaunt, Darius, Leo, Castor, Maximilian, Massimo, Axel, Marcus, Nathan. Harrow, Titus, Gaunt, Darius...

É claro que a lista é um bocadinho deprimente e não é suposto eu ter pensamentos deprimentes, mas não tenho a culpa que eles tenham sido todos mortos por Caçadores ou que tenham sido torturados até à morte pelo Conselho. Embora o Marcus não esteja morto ou, pelo menos, tanto quanto eu sei, ainda está vivo e bem e a viver ninguém sabe onde. E esteve comigo, e salvou-me a vida, e realizou a minha cerimónia da Dádiva, mas foi-se embora, deixou-me sozinho, *uma vez mais, como em toda a minha vida*.

— Safaste-te bem sozinho — diria ele. *Uma negação de responsabilidade clássica!*

Não posso ser negativo. Tenho de me manter *positivo, bolas*.

Merda, estou com um humor de cão.

Tenho de tentar fazer mais testes de memória. Sim, é isso, podia recitar todos os Dons que o meu pai roubou, um por cada coração humano que ele comeu. E este homem, este assassino, este PSICOPATA, sentou-se à minha frente, e conversou comigo e deu-me três dádivas. E não consigo odiá-lo, e nem sequer tenho medo dele. Sinto-me... cheio de admiração por ele. Isso é positivo, não é? Sentir admiração pelo nosso pai? O teu pai, o psicopata. Será ele um psicopata? Não sei. Não sei qual é a definição de psicopata. Não sei quantas pessoas é necessário comer antes de nos tornarmos oficialmente num psicopata.

Estou outra vez a roer as unhas, só que já não há quase nada para roer.

E aqui estou eu, sentado numa árvore, a morder os dedos — Nathan, filho de Marcus, o miúdo que é suposto matar o pai, o miúdo que tentou devolver a *Fairborn* ao pai para lhe provar que não lhe faria mal, mas que meteu a pata na poça e perdeu a adaga. E eu sei que não duraria sequer um segundo numa luta contra o Marcus, mas toda a gente está convencida de que eu consigo matá-lo; toda a gente quer que eu o mate. Consegui escapar ao Wallend e a todos aqueles Bruxos Brancos que queriam que eu o matasse e fugi para junto da Mercury e adivinhem? Ela também quer que eu o mate.

Merda! Tenho de pensar em qualquer coisa mais positiva.

Tenho de pensar outra vez na Annalise. Costumava pensar nela quando estava dentro da jaula. Tecia fantasias sobre ela, imaginava-me a tocar-lhe, e a ter relações sexuais com ela e coisas assim. Não que eu alguma vez tenha tido relações sexuais, nem sequer muitas coisas desse género. E da última vez que lhe peguei na mão foi quando estava sentado ao lado dela, no telhado da Mercury, e depois foi tudo parar às urtigas quando o vento me segurou enquanto a Mercury atraiu a Annalise para a relva. Lembro-me do corpo da Annalise ali deitado, com o peito a arfar, desesperada por ar, e aquele último fôlego que pareceu tão lento e tão doloroso, antes de ela ficar imóvel, e odeio isso. Odeio aquele último fôlego.

E, já que estou a pensar em ódio, posso fazer uma boa lista sobre esse tema. Há a **minha irmã**, claro, a querida Jessica. Ela odeia-me desde que eu nasci, com um ódio verdadeiramente venenoso, e eu devolvo-lhe o sentimento multiplicado por mil. Há o namorado dela, o **Clay**, que é o líder dos Caçadores, um tipo brutal e arrogante. Haverá alguma coisa a não odiar nele? E o outro brutamontes, o **Kieran O'Brien**, o irmão mais velho da Annalise, que costumava

ocupar o primeiro lugar da minha lista de ódios mas que agora, na maioria dos dias, se fica pela terceira posição. A segunda posição da minha lista de ódios é ocupada pelo **Soul O'Brien**, um dos membros do Conselho. Ele disse-me que queria ser ele a dar-me as três dádivas, o que, para falar com franqueza, é ainda mais assustador do que manter-me preso numa jaula. É bem possível que ele também seja uma espécie de psicopata. E, por falar em psicopatas, o número um na minha lista de ódios é o **Sr. Wallend**. O Bruxo Branco que me usou como se eu fosse uma cobaia. O homem que fez as minhas tatuagens, que são a coisa que eu mais odeio, acima de tudo o resto.

Bem, isto foi positivo!

A Celia não faz parte da lista. Já não odeio a Celia, e parece-me que isso é bom. Afinal de contas, não odiar alguém que nos manteve presos numa jaula durante quase dois anos é uma coisa positiva. Tem de ser. Por outro lado, talvez prove que eu fiquei completamente lixado por toda aquela experiência. Não sei. Mas o certo é que a Celia não consta da lista.

A Mercury também não. A Mercury não me inspira ódio. Seria um pouco como odiar a meteorologia.

A Mercury disse que libertaria a Annalise em troca da cabeça ou do coração do meu pai. Não lhe entregarei nenhum dos dois. Seja lá como for, tenho de arranjar uma maneira de voltar à cabana da Mercury, encontrar a Annalise, quebrar o feitiço que a mantém presa e fugir com ela. Parece difícil e perigoso mas eu tenho um plano, e isso é outra coisa positiva. Só que o plano é uma porcaria e uma estupidez e nunca funcionará. E de certeza que a Mercury me vai matar.

Ainda não, não devia preocupar-me com isso. Afinal de contas, *todos acabamos por morrer*.

E, neste momento, tenho problemas suficientes com o plano atual. Estou aqui há mais de um mês e tenho-me esforçado por imaginar um cenário positivo: um cenário em que o Gabriel não consegue cá chegar, não por estar morto ou por ter sido capturado pelos Caçadores, mas porque está deitado numa cama enorme, de luxo, a ler um livro e a comer *croissants*.

Se ele tivesse sido capturado, eles tê-lo-iam torturado e ele ter-lhes-ia contado tudo. Tudo sobre mim, a *Fairborn*, a Annalise e, sem dúvida alguma, sobre onde me poderiam encontrar, sobre o nosso ponto de encontro aqui na caverna. Eu ter-lhes-ia contado se me tivessem sujeitado ao Castigo e ele também. Não há vergonha nenhuma nisso. O Castigo acaba sempre por quebrar toda a gente e ninguém

conseguiria aguentar durante um mês. E, no entanto, os Caçadores não estão aqui. Mas o Gabriel também não está. Portanto, isso significa que ele está morto. Foi morto a tiro pelos Caçadores naquela noite em que roubámos a *Fairborn*. Morreu a tentar salvar-me. E aqui estou eu, sentado numa árvore, a tentar ser positivo.

Ser positivo é bastante porreiro quando se pensa no assunto.